

## A QUESTÃO DO SUJEITO HUMANO

Angela Ales Bello

*Edmund Husserl e Edith Stein*

O contínuo contacto com as análises realizadas por Edith Stein, seguindo a estrada aberta por seu mestre Husserl, me leva a ler com olhos novos a própria posição husserliana. Não pretendo enfocar as novidades oferecidas pela fenomenóloga à identificação da estrutura do sujeito humano, assunto que seria interessante destacar, mas que supera o objetivo desta apresentação. Prefiro captar, nas análises dela, alguns momentos essenciais, que mostram o significado mais adequado do próprio pensamento husserliano. Um primeiro grande mérito da Stein consiste em obrigar o leitor de sua trilogia fenomenológica: *O problema da empatia, Psicologia e ciências do espírito- Contribuições para uma fundamentação filosófica* e *Uma pesquisa sobre o Estado* (especialmente, da segunda das três obras) a colocar em estreita relação o primeiro e o segundo volume da obra de Husserl *Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*, da qual ela transcreveu e preparou para a publicação, o segundo volume.

### O sujeito humano segundo Husserl

Em diversas ocasiões, ao traçar as linhas essenciais da antropologia filosófico-fenomenológica de Husserl,<sup>1</sup> já ressaltai a correlação inseparável entre os dois volumes, que é imprescindível para compreender o processo da fenomenologia husserliana, no que se refere ao caráter amplamente ético e teleológico, que tem o seu definitivo desenvolvimento em *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Trata-se da justificação última do ser humano, em sua finalidade histórica e no seu projeto existencial. Ser humano, que é observado como inserido na comunidade à qual pertence, coincidindo, em última análise, através de uma progressiva ampliação de perspectiva, com a humanidade inteira.

O projeto, apresentado por Husserl ao final de seu percurso de pesquisa, no livro *Crise das Ciências europeias*, na realidade se encontra já no início de tal percurso. De fato, a fonte de uma filosofia universal, como a define Husserl, é sempre e constantemente, mesmo em suas diferentes abordagens, ou nas diferentes vias da redução<sup>2</sup>, o próprio eu. Por isso, qualquer epoché deve ser, conscientemente, transformada numa redução ao eu absoluto, ao eu, enquanto centro funcional último de qualquer constituição”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> A. Ales Bello, *Edmund Husserl: riflessioni sull'antropologia*, in “Per la filosofia- Filosofia e insegnamento”, 17 (2000), n.49.

<sup>2</sup> Apresentei a questão das vias da redução no meu livro: *Husserl – Sul problema di Dio*, Studium, Roma 1985.

<sup>3</sup> E. Husserl, *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*; tr. it. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*, Il Saggiatore Milano 1960, p.213. Será indicado a seguir como *Crise*.

A expressão “centro funcional” representa um fio condutor para compreender o significado da dimensão transcendental. Essa expressão encontra-se, também, no § 24 do segundo volume das *Ideias*:

“O eu é, absolutamente, um eu próprio (ipseidade) e se apresenta em sua unidade, sem sombras, podendo ser captado, adequadamente, através de um aprofundamento reflexivo que se dirija a ele como a um *centro de funções*”<sup>4</sup>.

Antes de compreender o significado de tal expressão, é oportuno voltar, brevemente, a dois momentos fundamentais da posição husserliana, relativos à redução e ao seu resultado. Esses momentos se encontram no primeiro volume de *Idéias* e na *Crise*. Seguindo a indicação husserliana contida no § 43 desta última obra, segundo a qual, a via cartesiana, apresentada por ele nas suas *Idéias* I

“tem a grande desvantagem de conduzir, certamente, como de um salto, já até o eu transcendental, mas este, como necessariamente, não apresenta toda a explicação prévia, conduz a visão até um aparente vazio de conteúdo, onde, de início, se está perdido acerca do que se possa ter ganhado com isso e, igualmente, sobre como, a partir daí, se pode alcançar uma nova ciência fundamental, de uma nova espécie, decisiva para a filosofia”<sup>5</sup>.

Para captar a diferença entre os dois enfoques, uma diferença que se refere ao andamento analítico que se apresenta, não só como o mais convincente, mas também, como o mais ‘ostensivo’, em todas as passagens necessárias para obter um resultado, é necessário confrontar os parágrafos de 31 a 36 do primeiro volume das *Idéias*, com os parágrafos de 44 a 85 de *Crise*. Nos primeiros, como se sabe, o ponto de referência problemático é constituído, de um lado, pelo positivismo e, de outro, por Descartes. Em referência à postura positivista, coloca-se em crise o primado da factualidade e da existência, compreendida como constatação factual, para captar a essência e portanto, a essência é, também, a essência de si mesmo.

Isso leva a afirmar que o eu psicológico, o homem real se torna objeto da nova postura analítica e isto é um ponto particularmente significativo, pois fez com que se considerasse a posição husserliana como excludente em relação ao aspecto da concreticidade humana, existencial e individual e, também, quanto ao aspecto da natureza na sua estrutura real. Na realidade, a insistência de Husserl nesses parágrafos se refere à evidenciação de um território e de um instrumento: o instrumento é o colocar entre parênteses da obviedade, da factualidade, que arrasta consigo até o tema da existência, entendida como constatação factual. O território é o da subjetividade, para indagar nas suas estruturas, e então emerge justamente, aquele espelho sobre o qual tudo se reflete para o ser humano, espelho que é formado pelo eu, pela consciência e pelas *Erlebnisse* (vivências). Porém, “manter firmemente o olhar voltado à consciência e ao eu”, como se expressa

---

<sup>4</sup> E. Husserl, *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, Husserliana vol. III, VI, V, Martinus Nijhoff, Den Haag 1950-1952; tr. it. di E. Filippini, *Idee per una fenomenologia pura e una filosofia fenomenologica*, Einaudi, Torino 1965, p. 501. A seguir citado *Idéias*

<sup>5</sup> *Crise*, p. 182.

Husserl no §33 das *Idéias*, não significa esquecer que eles são a via da veracidade para justificar como a realidade se apresenta e se constitui.

O objetivo é compreender como é feita a natureza e como são feitos os seres humanos e quais são as relações que se estabelecem entre eles e com a própria natureza. A resposta para essa pergunta se encontra no segundo volume das *Idéias*, que há pouco citamos, e que é quase desconhecido, texto que, de certa forma, ficou ‘suspense’ pelo próprio Husserl que não quis publicá-lo. Para mim, a suspensão tem um significado bem preciso: É necessário afinar o instrumento e sondar o terreno, antes de construir um edifício, que corre o risco de ser apenas uma construção conceitual de tipo especulativo. O escrúpulo de uma fundamentação que deve ser entendida como justificação do terreno que é, essencialmente, constituído pelo eu e por suas vivências, leva Husserl a indagar, quase como uma mania, repetidamente, com insistência, o terreno. Isso não significa que não exista um momento construtivo, mas esse momento é menos orgânico e mais disperso em comparação ao metodológico. Um equilíbrio maior entre os dois momentos, nós podemos encontrar nas análises realizadas por Edith Stein em sua fase fenomenológica e, frequentemente, isso dá a impressão que ela tenha se distanciado de Husserl. Na realidade, ela aplicou com maior decisão e talvez, com maior audácia, o método, tendo, por outro lado, como guia alguns importantes resultados obtidos pelo mestre, tanto nas *Idéias II*, como nas *Lições sobre o tempo*, que foram transcritas por ela.

Em Husserl, entretanto, se encontra, também, uma parte propositiva que eu considero que seja aquela que está contida nas *Idéias II* e que representa o fundamento teórico, sempre presente. Dessa forma, a dimensão transcendental se torna propriamente lugar de justificação e não de criação, de colocar em evidência, não de construção, em relação à realidade que se dá com as suas características que podem ser alcançadas pelo ser humano, que, na reflexão filosófica, não faz outra coisa a não ser colocar em evidência como tudo isso acontece. Vive-se, mas o que significa viver? Nós conhecemos, mas o que significa conhecer e o que se conhece? O primado do sujeito deve ser entendido *quoad nos*. De fato, nós somos um ponto central de referência e de partida para nós mesmos. As perguntas são colocadas, sim, sobre a realidade e ou sobre as realidades, mas são perguntas feitas pelo sujeito que, em primeiro lugar, deve compreender a si mesmo, como aquele que faz a própria pergunta. E o primado da questão gnoseológica deve ser entendido no sentido do princípio e não no sentido da fundamentação última da realidade.

Isso se confirma pelos textos com que Husserl inicia a sua reflexão sobre o significado do mundo da vida. A via mais longa que ele teoriza na *Crise* -que ele define “a nossa nova via”- é a via que parte da constatação existencial e cultural, segundo a qual, o ser humano vive e vive inserido num contexto, e o mundo da vida é o terreno da vida humana no mundo, com o seu dinamismo que o torna como o ‘rio de Heráclito’. O objetivo é o de compreender, em profundidade, este mundo da praxis para chegar às operações humanas- e divinas? – que o tornam possíveis. Por isso, é necessário efetuar, novamente, a *epoché*, e considerar “todo o ente, em todos os sentidos e em todas as suas regiões, como índice de um sistema subjetivo de correlações”<sup>6</sup>. Assim, a constituição transcendental corresponde à “formação de sentido originária”, aquela que conduz à ontologia do mundo da vida, porém, enquanto o mundo da vida é o mundo

---

<sup>6</sup> *Crise*, § 48.

da experiência, tal ontologia envolve, fundamentalmente, a subjetividade humana que se revela como um paradoxo, “é sujeito para o mundo e, ao mesmo tempo, objeto no mundo”<sup>7</sup>.

### *O ser humano nas análises de Edith Stein*

O tema do ser humano é central e constante nas análises fenomenológico-filosóficas de Edith Stein. A sua pesquisa pode ser reunida sob um título unitário que é, justamente, o de uma antropologia filosófica de enfoque fenomenológico, que busca complementação e suporte na tradição metafísica antiga e medieval. Por outro lado, o interesse dela pelo ser humano, tanto em relação à sua singularidade, como em relação às produções culturais humanas, pode ser comprovado pela escolha, feita por ela, desde os anos universitários, do estudo de disciplinas como a psicologia, a história e a literatura. Escavar na interioridade do ser humano e, ao mesmo tempo, examinar as manifestações exteriores, é a tarefa que a pensadora considera mais urgente para compreender sua natureza singular, única e irrepetível e, ao mesmo tempo, o significado das suas expressões e produções, que tem um valor intersubjetivo.

Como já havia ressaltado Husserl, é paradoxal a situação do ser humano, o qual se apresenta, ao mesmo tempo, como sujeito e objeto da pesquisa, o único ser vivente que tem a capacidade de refletir sobre ele mesmo. Esse é o resultado de uma análise comparativa realizada pelo fenomenólogo, principalmente com referência ao mundo animal. Das lições husserlianas dedicadas à relação *Natur und Geist* e da transcrição do segundo volume das *Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*<sup>8</sup>, a sua discípula Edith Stein aprende o estilo de pesquisa e as linhas de fundo que lhe servirão para aprofundar, sempre mais, a escavação no interior e a abertura para fora do ser humano.

A correlação entre interioridade e exterioridade se manifesta, justamente, no decorrer de suas análises e na sua trilogia fenomenológica, formada pela tese doutoral sobre o tema da empatia *O problema da empatia* (1917),<sup>9</sup> por sua pesquisa sobre a relação entre fenomenologia e psicologia, cujo terreno comum é formado, em grande parte, justamente, pela subjetividade humana aberta à intersubjetividade *Psicologia e ciências do espírito. Contribuições para uma fundamentação filosófica* (1922)<sup>10</sup> e por suas propostas de leitura das formas associativas humanas, como a massa, a comunidade, a sociedade e, finalmente, o Estado *Uma pesquisa sobre o Estado* (1925).<sup>11</sup>

A novidade de tal abordagem, como Husserl tinha indicado antes, consiste, no ponto de partida das pesquisas. Como se expressa a própria Stein, breve e eficazmente, logo ao início de sua Tese, o primeiro

---

<sup>7</sup> Ivi, § 53.

<sup>8</sup> E. Husserl, *Idéias*.

<sup>9</sup> E. Stein, *Zum Problem der Einfühlung*, Buchdruckerei des Waisenhauses, Halle 1917; tr. it. di E. e E. Costantini, *Il problema dell'empatia*, Studium, Roma 1998<sup>2</sup> e di M. Nicoletti, F. Angeli, Milano 1986.

<sup>10</sup> E. Stein, *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*, Max Niemeyer, Tübingen 1970; tr. it. di A. M. Pezzella, a cura di A. Ales Bello, *Psicologia e scienze dello spirito. Contributi per una fondazione filosofica*, Città Nuova, Roma 1999<sup>2</sup>. Será citado *Psicologia*.

<sup>11</sup> E. Stein, *Eine Untersuchung über den Staat*, M. Niemeyer, Tübingen 1970; tr. it. di A. Ales Bello, Città Nuova, Roma 1994.

passo que se deve fazer para iniciar uma reflexão que capte radicalmente, isto é essencialmente, o fenômeno que estamos observando, é colocar entre parênteses cada interpretação já dada e, também, cada forma de ser, que pudesse ser colocada em dúvida, para fazer brotar a experiência vivida da própria coisa com o seu correspondente, isto é, o fenômeno da própria coisa. Isto possibilita entrar na dimensão noético-noemática, isto é, a dimensão da vivência cujo correspondente intencional se desdobra no objeto enquanto, por exemplo, percebido e o objeto existente em si mesmo e, portanto transcendente em relação ao próprio sujeito. Surge daí a possibilidade de escavar na complexidade do mundo interior, um mundo não caótico, mas ordenado porque submetido a uma ‘organicidade’, em que estão presentes momentos e aspectos que devem ser indagados.

Husserl destacará, nos anos Trinta, quase no final de seu percurso intelectual, que o colocar entre parênteses, ou *epoché*, que deixa como resíduo a subjetividade, longe de ser uma operação simplificadora, é uma exigência do interesse teórico, e por sua vez, solicita o mesmo interesse colocando, assim, uma imprevisível série de problemas e, também, de excepcionais dificuldades:

“ Porque se trata, efetivamente, de um inteiro mundo - se pudéssemos identificar a  $\psi\upsilon\chi\eta$  de Heráclito com esta subjetividade, valeria para ela as suas palavras “Qualquer estrada que tu percorras, não chegarás nunca a encontrar os confins de tua alma, tão profundo é o seu fundo”. Qualquer ‘fundo’ que se alcance , nos remete, efetivamente, para outros fundos, qualquer horizonte que se abra, conduz a outros horizontes; no entanto, o todo infinito, na infinidade de seu movimento fluente, é orientado para a unidade de um sentido, mas nunca é possível apreendê-lo e compreendê-lo completamente”<sup>12</sup>.

Esta é a razão pela qual, a análise não pode ser feita de uma vez por todas. Somos obrigados a recomeçar, sempre de novo (*immer wieder*) na tentativa, que sempre falha, de dar uma estrutura definitiva. Acima de tudo, são abordagens, que ora de um lado, ora de outro, se aproximam do fenômeno da interioridade do ser humano, colocando em evidência aspectos válidos, procurando estruturas, mas nunca esgotando o conhecimento. Vem também daí a dificuldade de compreender os próprios resultados aos quais chega Husserl, porque não é possível, delinear um mapa completo deste território tão cheio de acidentes. Fala-se do eu, do eu puro, da consciência, da alma, da psique, do espírito, mas... como organizar estas noções, a que coisa elas correspondem?

Sem dúvida, Edith Stein, com sua capacidade “didática” nos ajuda muito mais do que o seu mestre, mas também, a leitura e a organização das análises da filósofa não é tarefa fácil.

Nós começamos da *epoché* e do colocar em evidência os atos do sujeito, atos que na língua alemã são indicados pela palavra *Erlebnisse*, expressão que não se pode traduzir na língua italiana, a não ser com uma frase: “aquilo que é vivido por mim”, resumidamente, reduzida a “vissuto”( vivido), mas o que é vivido por nós ? Aquilo que nós vivemos se divide no ato de perceber, de recordar, de imaginar, de pensar etc, e nos

---

<sup>12</sup> E. Husserl, *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, Husserliana vol. VI; tr. it. di E. Filippini, *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*, Il Saggiatore, Milano 1961, p. 196.

conteúdos de tais atos, o percebido, o recordado, e assim por diante, que por sua vez, remetem à coisa percebida e recordada como existente.

Se nos interessa, porém, a análise da interioridade- e isso é afirmado, tanto por Husserl, como pela Stein- nós prescindimos, naquele momento, da coisa existente e concentramos nossa atenção sobre a relação perceber-percebido, como vivente no interior do sujeito, portanto, sobre o ato vivido pelo sujeito, que o próprio sujeito encontra presente, enquanto ato (por exemplo, aquele de perceber) como possibilidade do próprio perceber – também em outros sujeitos, e isso graças a um novo vivido, que chamamos empatia.

Nota-se aqui, a necessidade de seguir uma concatenação de atos ou de vivências (palavra que, em português, traduz melhor *Erlebnis*), que se remetem um ao outro e que constituem a estrutura essencial do sujeito, entendido como ego, eu enquanto sujeito, mas também, dos outros sujeitos, descobrindo assim os elementos de universalidade que tornam possível a comunicação.

O que é o sujeito? O que significa ser sujeito? Paradoxalmente, como se disse acima, sujeito é aquele que faz a análise, manifestando em tal modo, a própria atividade – é em outras palavras, aquele que efetua a pesquisa filosófica – mas é também, aquele que recebe a análise e, neste sentido, é verdadeiramente *subiectum*, tornando-se, portanto, assim um *obiectum* da mesma pesquisa, enquanto colocado diante de, em relação a quem efetua a pesquisa. Não se trata, porém, de funções fixas, mas de possibilidades que dependem dos pontos de vista assumidos.

#### *A identidade do sujeito humano*

Na tentativa de traçar um mapa referente ao ser humano, tomado na complexidade dos momentos constitutivos, pode-se começar, como fazem os fenomenólogos, partindo da própria consciência, que não deve ser entendida como um ‘lugar’, mas como uma nova região do ser, conforme a definição de Husserl, “até agora não evidenciada na sua característica”, então, “o ser procurado por nós – ele continua- “não é outro a não ser o que, por motivos essenciais, pode ser indicado como ‘puro *Erlebnis*’, ‘pura consciência’, com os seus ‘puros correspondentes’ e, por outro lado, o seu ‘puro eu’ “ e conclui: ” a expressão ‘consciência’ abrange (mas não é muito adequada) todos os *Erlebnisse* “. <sup>13</sup> Seguindo o mestre, Edith Stein escreve em seu livro *Introdução à filosofia*, elaborado por ela no período de 1919 a 1932: “a consciência não é uma caixa que recolhe dentro de si as vivências, mas essas mesmas vivências constituem, confluindo, continuamente, umas nas outras, o fluxo de consciência”. <sup>14</sup> O ser consciente não deve ser entendido como um ato da reflexão, pois este último é por si mesmo uma vivência, porém, muito mais como “uma luz interior que ilumina o fluxo do viver, e no próprio defluir, o clarifica para o eu vivente, sem que isso lhe seja “direto”. <sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> E. Husserl, *Idee*, cit., p. 69.

<sup>14</sup> E. Stein, *Einführung in die Philosophie*, Werke vol. XIII, 1991; tr. it. di A. M. Pezzella, a cura di A. Ales Bello, Città Nuova Roma 1998, p. 131.

<sup>15</sup> Ivi, p. 152.

Pode-se notar que, tanto em Husserl como em Stein, é fundamental a correlação entre a consciência e o eu. A propósito disso, é importante notar que se delineiam diversos aspectos do eu. Em primeiro lugar, o eu puro, eu definido por Husserl, como eu que prescinde da somaticidade. Ele é captado na correlação com os seus atos vividos, como o perceber, o recordar, o julgar, o sentir, o querer,<sup>16</sup> e, com referência aos objetos, é captado em diferentes modos, segundo os atos que realiza e é possível a sua auto captação, a sua auto percepção.

O fluir da consciência constitui, como se sabe, o momento último da temporalidade imanente e esta é a via a ser seguidas se queremos captar o significado da identidade. “O eu puro é, enquanto identidade deste tempo imanente,” escreve Husserl, entendendo que o eu permanece neste ou naquele ato de consciência, mesmo não sendo um momento real ou uma parte constitutiva dele.<sup>17</sup>

A diferença, entre realidade e eu puro, é destacada, fortemente, por Husserl e é ela que permite captar a identidade do eu, a sua não dispersão, porque o eu, ou o sujeito puro, não se gera e não passa de um para outro, ou então cairíamos na contradição, já indicada por Descartes. De fato, seria necessário captar, através da pura intuição, a possibilidade essencial do gerar-se e do passar. De um lado, portanto, deveria permanecer idêntico na duração do outro, deveria se encontrar na posição de, ainda, não ser, se gerasse a si mesmo ou de não encontrar-se, por um certo tempo, se passasse. Ao contrário então, o eu puro entra e sai de cena, “é possível somente isto: que o eu puro não se encontre, realmente, porque não reflete sobre si mesmo”.<sup>18</sup>

O tema da realidade, portanto não é deixado de lado, pode-se dizer que o eu puro e a consciência são o espelho sobre o qual se refletem as vivências que surgem da psique e do espírito. Esse assunto é examinado, com grande acuidade, por Edith Stein em *Psicologia e ciências do espírito*. Também Husserl fala destas realidades porque, se o encaminhamento da pesquisa destas realidades se dá na região do ser da consciência e do eu puro, enquanto dimensões de conscientização, que fornecem a possibilidade para uma pesquisa transcendental, o ser humano na sua estrutura real tem dimensões reais, que devem ser reconhecidas como tais.

O segundo volume das *Idéias* de Husserl, transcrito por Stein, representa o momento de maior aproximação entre os dois fenomenólogos, cujas análises, até certo ponto não podem ser lidas separadamente.

Interessante é verificar se, e em que ponto acontece, realmente, a separação entre os dois procedimentos analíticos. Da parte da Stein, tal separação é caracterizada por um aprofundamento temático sui generis. O contínuo contacto com o pensamento medieval, iniciado pela fenomenóloga no final dos anos Vinte lhe possibilita dar mais consistência às análises já realizadas, cujos resultados não são rejeitados, mas integrados com novas contribuições que servem para esclarecer, ulteriormente, o terreno pesquisado. Não são, porém, só os filósofos medievais que a atraem e, de grande importância é a leitura da obra *O Castelo interior* de santa Teresa d’Avila. Isso causa admiração porque se pode perguntar, como um livro considerado de ‘espiritualidade’ tenha sido examinado pela pensadora com uma ótica diferente, uma ótica filosófica, que pareceria totalmente estranha para isso. Examinando-se alguns pontos significativos da

---

<sup>16</sup> E. Husserl, *Idee*, cit., p. 494.

<sup>17</sup> *Ivi*, p. 499.

<sup>18</sup> *Ivi*, p. 500.

obra da Stein, nota-se a compatibilidade entre as análises do ser humano, realizadas do ponto de vista fenomenológico e as etapas do caminho interior percorrido por Santa Teresa.

## O eu e a pessoa

Desenvolvendo as análises da estrutura ‘real’ do ser humano, através da mediação das vivências, o que è enfocado por Husserl, já nas *Idéias II*, é a relação entre o eu puro e o eu pessoal;<sup>19</sup> o eu pessoal é o que se delinea a partir da corporeidade, com uma base pré dada que se pode definir psíquica, mas ele se configura como pessoa, realmente unitária num sentido superior, enquanto sujeito dos posicionamentos da vontade, das ações e do pensamento, numa palavra, como eu livre. O eu puro, então, é o espelho e, portanto, a via de acesso para uma realidade corpórea, psíquica e espiritual que constitui o eu pessoal.

Edith Stein retoma tais análises, em sua obra *Psicologia e ciências do espírito* e, posteriormente, a aprofunda, chegando a individuar um núcleo da personalidade, no qual reside “aquela consistência imutável do seu ser que não é resultado do desenvolvimento mas , que ao contrário, impõe ao próprio desenvolvimento, um certo andamento” .<sup>20</sup> O núcleo, sendo o momento unitário do ser humano, tem uma conotação psíquica e uma espiritual, em correspondência com as duas dimensões fundamentais das quais o próprio ser humano é constituído. Stein escreve que a vida espiritual de um indivíduo é determinada pela singularidade deste núcleo, todavia, o núcleo é algo de novo em relação à própria vida espiritual e, nenhum conhecimento completo da vida espiritual ou da vida psíquica seria suficiente para captá-lo inteiramente.

O núcleo coincide mais com a ‘alma da alma’ porque, enquanto o núcleo da pessoa não mostra nenhuma capacidade de desenvolvimento, tanto as capacidades psíquicas como as espirituais, podem se desenvolver.

O estudo da alma è um dos temas mais complexos dentre os apresentados por Edith Stein e por diversas razões. Em primeiro lugar, o próprio termo *Seele* que é usado numa multiplicidade de significados indicando, algumas vezes, psique e outras vezes o conjunto da psique e do espírito. Outras vezes, *Seele* significa dimensão totalmente autônoma, como vimos anteriormente. A análise atinge uma tal sutileza e se expressa, algumas vezes, até em termos líricos que surpreendem e encantam.. Podemos ler, particularmente, as páginas relacionadas a este assunto em *Psicologia e ciências do espírito* parte II, 2.3 dedicadas, justamente às *Qualidades características específicas, “alma” e “núcleo da pessoa”*. Numa tentativa de racionalizar e de organizar os resultados da pesquisa, pode-se citar um trecho que permite entrar nessa problemática :

“È necessário deixar de pensar num desenvolvimento da alma, numa formação ou transformação das qualidades da alma, segundo a natureza da capacidade psíquica, mas não podemos renunciar ao pensamento

---

<sup>19</sup> Ivi, pp. 640-641.

<sup>20</sup> E.Stein, *Psicologia*, p. 123.



de um crescimento e de um amadurecimento da alma, que se diferencia , totalmente, de tal desenvolvimento”.<sup>21</sup>

A distinção entre desenvolvimento da alma e maturidade parece, particularmente, significativa para compreender o despertar e o repouso da alma, os diversos níveis de profundidade em que ela pode viver, sua possibilidade de ser absorvida pelas vivências periféricas ou de entrar na profundidade. Nesse sentido, se verá como a imagem do castelo interior proposta por Teresa d’Avila expressa adequadamente tal dinâmica. No entanto, o permanecer na superfície das vivências não é visto como uma falha, porque o ser humano não conhece as suas profundidades pessoais, pois esse conhecimento só é possível se o eu desce na profundidade. Reaparece, neste ponto, o papel importante e insubstituível do eu que explora o “centro”,<sup>22</sup> “este lugar originário interior”.<sup>23</sup> Este é um tema sobre o qual precisamos retornar , insistindo em alguns pontos da análise , que enquanto tal não é resumível, mas deve ser feita passo por passo- esta é a característica da abordagem fenomenológica.

Na impossibilidade de proceder analiticamente, podemos concentrar nossa atenção num trecho que, mesmo não podendo ser considerado como resumo, mostra conclusões de uma série de análises:

“A personalidade humana, observada como um todo, se nos apresenta, como uma unidade de características qualitativas, constituída por um núcleo, por um princípio formativo. Ela é constituída por alma, corpo e espírito, mas a individualidade se imprime num modo totalmente puro, livre de qualquer mistura, somente na alma. Nem o corpo vivente material, nem a psique entendida como unidade substancial de cada ser sensível e psico-espiritual, nem a vida dos indivíduos são determinados integralmente pelo núcleo”.<sup>24</sup>

Essas reflexões são sumamente importantes para alcançar o mundo dos valores, porém, é necessário levar em consideração outras forças e capacidades, que são próprias da psique, das capacidades sensíveis, da memória, do intelecto, da vontade. Também as condições externas contribuem fortemente para a formação da personalidade.<sup>25</sup>

TRADUÇÃO – Aparecida Turolo Garcia (Irmã Jacinta)

---

<sup>21</sup> Ivi, p. 250.

<sup>22</sup> Ivi, p. 252.

<sup>23</sup> Ivi, p. 253.

<sup>24</sup> Ivi, p. 254.

<sup>25</sup> Ivi, p. 255.